

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Indielisboa: Binka Jeliaskova: A Luta é um Murmúrio

3 e 9 de Maio de 2025

POSLEDNATA DUMA / ПОСЛЕДНАТА ДУМА / 1973

A Sua Última Palavra

um filme de BINKA JELIASKOVA

Realização e Argumento: Binka Jeliaskova / Fotografia (35 mm): Boris Yanakiev / Montagem: Madlena Dyakova / Decoração: Zahari Savov, Iskra Licheva, Lika Yanko (pinturas) / Som: Svetoslav Karamanov, Kuzman Shopov, Liubcho Stefanov / / Música: Simeon Pironkov / Interpretação: Iana Guirova (Ana), Tzvetana Maneva (professora), Dorotea Toncheva (a estudante), Bella Tsoneva (Iana), Aneta Petrovska (Maria), Emilia Radeva (Shivachkata), Emilia Radeva (Shivachkata), Georgi Kaloianchev, Grigor Vachkov, Ivan Bratanov, Nikolai Binev, Itschak Fintzi, Nikola Todev, Elena Mirtchofska, Maria Statulova, Filip Trifonov, estudante.

Produção: Boyana Film (Bulgária, 1973) / Produtor: Nikola Velez / Cópia: em 35 mm, cor, falada em búlgaro, legendada electronicamente em português e inglês / Duração: 118 minutos / Estreia Mundial: 7 de Setembro de 1973, Bulgária / Estreia em Portugal: 20 de junho de 1975 no cinema Caleidoscópio / Primeira apresentação na Cinemateca.

com a presença de Svetlana Ganeva

- Predeu os meus melhores alunos.

- Não queremos bons alunos, mas alunos obedientes.

(dos diálogos do filme)

Poslednata Duma/A Sua Última Palavra foi o filme de Binka Jeliaskova que teve mais visibilidade internacional. Seleccionado para a Competição Oficial de Cannes em 1975, estreou comercialmente em Portugal em Junho do mesmo ano. Como escrevia Lauro António nesse mesmo ano a propósito da I Semana do Cinema Búlgaro, que teve lugar em Lisboa no Teatro de São Luiz: “é chegada agora a vez de ser revelada ao público de Lisboa a cinematografia búlgara, através de uma Semana e, simultaneamente, pela estreia, em exibição comercial, de uma das suas obras mais representativas, **A Sua Última Palavra** de Binka Jeliaskova. (...) o primeiro filme búlgaro a ser estreado comercialmente no nosso país.” Estas palavras de Lauro António são citadas no *Caderno da Cinemateca* dedicado a Binka Jeliaskova (agora editado), revelando a importância do filme no contexto português, cuja publicidade da altura destacava como tendo “um olhar poético sobre a geração revolucionária!”. Tal estreia aconteceu um ano após o 25 de Abril de 1974, altura em que o cinema do Leste europeu, que até à Revolução era completamente desconhecido no nosso país conheceu uma forte visibilidade, com inúmeras mostras dedicadas ao cinema soviético, húngaro, romeno, entre outros, assim como com várias estreias comerciais de filmes oriundos destes países, como aconteceu com este filme búlgaro, exibido pouco depois de, no final de 1974, Binka Jeliaskova e o seu companheiro Hristo Ganev, terem estado em Portugal para filmar a Revolução, tendo daí resultado o documentário **Tarsete Ma Bukia P / Procurem em P**, assinado apenas por Hristo Ganev, que exibimos na Cinemateca há poucos dias.

A Sua Última Palavra centra-se na luta antifascista de um conjunto de mulheres encarceradas na cela de uma prisão destinada a condenadas à morte. É nesse universo fechado e concentracionário que Binka projecta o seu apoio à causa revolucionária e à luta contra a opressão e a ditadura, que atravessa fronteiras e temporalidades. **A Sua Última Palavra**

inicia-se na atualidade, numa Bulgária socialista que homenageia as antigas resistentes, destacando-se os nomes das seis mulheres que teriam partilhado a mesma cela, torturadas e condenadas à morte pelas forças nazis, cuja história (uma ficção que tem também como base partes de algumas histórias verídicas) nos é narrada entre *flashbacks* e regressos ao momento presente. Continuando o propósito dos filmes anteriores de Binka, também eles centrados na luta antifascista, **A Sua Última Palavra** afirma-se como o filme da transição, sendo apresentado com frequência como um caso paradigmático entre a sua obra, também pelo modo como faz a ponte entre tempos diferentes.

Apresentado pela investigadora Savina Petkova como fazendo parte de uma “Trilogia do Cárcere” (ver texto “Mulheres na prisão”, in *Caderno...*) composta por esta ficção, seguida por dois documentários dedicados à cadeia de Sliven, ambos filmados em 1982; que por sua vez sucederia à “Trilogia da “Resistência” e antecederia a do “Silêncio”, (cf. Ricardo Vieira Lisboa no mesmo livro), estes termos revelam como a obra de Jeliaskova é dotado de uma coerência extrema, dado o modo como se replicam e desenvolvem de filme para filme. De natureza fragmentária, **A Sua Última Palavra** assenta numa construção complexa, com uma montagem dinâmica e momentos algo expressionistas, proporcionados por ângulos rebuscados e por soluções portadoras de estranheza (o som é um elemento importante), que contrastam com o realismo de grande parte das situações. Dentro da cela, as mulheres partilham experiências e discutem a possibilidade de uma traidora no seu interior (ideia impulsionada pelos elementos masculinos do exterior), mas também – e sobretudo – a sempre renovada resistência face à opressão e violência exercida pelas autoridades, e o sacrifício pelo bem comum. Ideias que replicam o próprio movimento de Binka que, antes de realizadora, se empenhou como resistente *partisan* antifascista, prolongando posteriormente a sua resistência por outros meios. A propósito do “experimentalismo” formal de **A Sua Última Palavra** podemos citar a crítica búlgara Maria Ratcheva, que, na revista *Cinema 68*, conota a liberdade no tratamento dos temas e das formas do filme com uma reacção ao realismo socialista e ao “dogmatismo do período estalinista”.

Para lá das sequências que envolvem as execuções, um dos momentos mais perturbantes do filme é aquele em que se mostra o corte de cabelo forçado de todas as mulheres no pátio da prisão, em que as lágrimas se transformam em risos ferozes e em gritos de uma revolta que se impõe. Sequência que rima com uma outra em que as mesmas mulheres saltam fogueiras nessa mesma prisão, numa alusão à força e à liberdade das tradições de origem pagã. A pintura de Lika Yanko, importante artista búlgara cujo trabalho plástico domina as coloridas paredes da cela, num jogo entre liberdade e encarceramento, prolonga esta e outras das dicotomias do filme, num trabalho que evolui no sentido de uma progressiva abstração face à realidade representada. Mas aqui a morte contrasta também com a exaltação da vida, representada pela menina a cujo parto assistimos, a filha da extraordinária professora acusada de conspiração, que nasce na cela, por entre os gritos dilacerantes da mãe, símbolo último de esperança no futuro e de liberdade. Como afirmou Binka Jeliaskova numa entrevista a propósito deste filme, “a defesa do sentimento de liberdade é o mais importante na vida” e “o dever e a essência do ser humano é resistir”. Como a professora do filme ensinava aos seus alunos, também eles presos por defender a liberdade (a liberdade da vida e da criação), há que saber cultivá-la e preservá-la. Ou como também afirmou Svetlana Ganeva, no final da sua apresentação na primeira sessão deste Ciclo na Cinemateca, “a liberdade não é algo que possamos dar por garantido”.

Joana Ascensão